

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Kamila Serafim Santos

**O afeto como possibilidade para o desenvolvimento do protagonismo  
infantil**

Porto Alegre

2024

Kamila Serafim Santos

**O afeto como possibilidade para o desenvolvimento do protagonismo  
infantil**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Daniele Marques Vieira

Porto Alegre

2024

Ao meu avô Humberto, que desde criança me ensinou o que é amor e afeto. Embora não esteja mais aqui, sua lembrança vive em mim.

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo este trabalho a todas as crianças em que já tive o prazer de conviver, tanto em sala quanto fora, e que assim me fizeram enxergar e indagar sobre o porque o afeto fazia tanta diferença na relação.

Agradeço aos meus pais, por terem enfrentado o desafio de serem pais jovens, e assim me criado com uma infância repleta de amor, me tornando a pessoa que sou hoje. Por sempre terem feito questão de me dar uma educação de qualidade, e nunca terem deixado me faltar nada, com muito esforço. Os dois sempre confiaram em mim mais do que eu mesma, sempre me deram apoio na escolha de profissão e com muito incentivo.

Individualmente agradeço a minha mãe, por ter sido colo pra mim em momentos de choro durante o curso, e no processo desse trabalho quando eu achava que nunca daria certo.

Ao meu pai, que mesmo à distância, tem um lembrete no celular toda segunda-feira para tirar um tempo e me perguntar coisas básicas da vida. Mas que em todos os outros dias também se faz presente, e foi a primeira pessoa que eu permiti ler este trabalho.

Agradeço aos meus irmãos, que me ensinaram outro significado de amor que eu desconhecia por 16 anos.

Agradeço ao meu padrasto Leandro, que mesmo sem obrigação nenhuma, já interrompeu suas programações inúmeras vezes para me levar a todos os vestibulares e provas que fiz para entrar na universidade.

Agradeço ao meu vô Nelson por ter sido meu maior incentivador para entrar na UFRGS por já ter sido aluno na mesma, e que já me ajudou inúmeras vezes quando eu estava em desespero no mundo acadêmico e sempre me mostrava que havia soluções.

Agradeço a minha vó Beta, que faz as melhores comidas que eu conheço, e sempre que eu estava triste ou cansada eu pedia uma “comida de vó” para conseguir me reerguer.

Agradeço a minha vó Arlete, por ser sempre minha parceira e colo e por me mostrar que amor e afeto estão nos mínimos detalhes.

No geral, agradeço a toda minha família, que eu tive o prazer de ter todos a minha volta sempre, com muito apoio durante a vida toda, sempre fui rodeada de muito amor e companheirismo familiar. Obrigada família Serafim, e família Santos.

Gostaria de deixar meu carinho a todos meus amigos, mas principalmente por aqueles que conheci nessa trajetória, por todos os cafés no Antônio, por todo o apoio trocado nesse processo final que estamos enfrentando juntos, e que ninguém deixou o outro desistir, fosse

com palavras incentivadoras, com ajudas de como fazer tal coisa no trabalho, e principalmente momentos de distração, que é muito válido para conseguir respirar e seguir escrevendo.

Para finalizar, agradeço à minha orientadora Daniele Marques Vieira, que desde o início me acalmou e sempre me mostrou que o trabalho de conclusão de curso não era o fim do mundo.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso versa sobre o tema o afeto como possibilidade para o desenvolvimento do protagonismo infantil. Seu objetivo geral é compreender o papel do afeto nas práticas educativas para o desenvolvimento do protagonismo infantil do ponto de vista de professoras/es. Sendo propostos os seguintes objetivos específicos: (1) delinear teoricamente os conceitos de afeto, protagonismo infantil e de protagonismo no contexto da educação infantil; (2) conhecer a visão de professoras/es sobre a relação entre afeto e desenvolvimento emocional das crianças; (3) identificar a presença do afeto nas práticas pedagógicas na educação infantil; e (4) identificar a percepção de professoras/es da educação infantil sobre a relação entre afeto e protagonismo infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, realizada por meio de entrevista com roteiro semiestruturado, tendo como foco a perspectiva de 3 professoras da Educação Infantil, sobre sua prática em sala baseada em afeto. Para a análise de dados foram definidos 4 aspectos para a análise de dados: 1) O papel do afeto no desenvolvimento da criança; 2) Relação entre afeto e protagonismo; 3) Ações docentes nesse processo e seus impactos; 4) A influência do acolhimento e valorização da autoestima da criança para o cotidiano educativo. Com os dados produzidos, foi possível analisar o ponto de vista das professoras a importância do afeto nas práticas pedagógicas, evidenciando como ele é essencial para o desenvolvimento do sujeito e de seu protagonismo na infância.

**Palavras-chaves:** afeto; protagonismo infantil; prática educativa.

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1** – Dados das professoras

**Quadro 2** – Questões do roteiro de entrevista semiestruturada

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. AFETO, PROTAGONISMO INFANTIL, DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO... 13</b>	
2.1. AFETO.....	13
2.2. PROTAGONISMO INFANTIL .....	15
2.3. DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO .....	17
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
3.1. O CONTEXTO DA PESQUISA .....	20
3.2. O ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA .....	22
3.3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	23
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>33</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Minha inspiração para a escolha deste tema começou a se formar ainda no início do meu curso de graduação. No segundo semestre, tive a oportunidade de iniciar um estágio na área de Educação Infantil, e foi durante esse período que comecei a perceber a importância fundamental do afeto na formação das crianças. A prática constante me mostrou que dar afeto a uma criança não se resume apenas a gestos físicos, mas inclui uma série de aspectos essenciais como atenção, escuta ativa e acolhimento. Esses elementos são cruciais, especialmente em momentos de conflito ou de tristeza, quando as crianças recorrem à figura de referência próxima, que, no contexto educacional, são as professoras.

Lembro-me com clareza e gratidão de todos os professores e professoras que fizeram parte da minha trajetória ao longo dos anos, tanto aqueles que tiveram um impacto profundamente positivo quanto aqueles cujas abordagens foram menos inspiradoras. Muitas das minhas professoras me trataram com um carinho genuíno e um profundo respeito, reconhecendo-me como um indivíduo com direitos e necessidades. Na educação infantil, essas memórias são especialmente vívidas. Recordo com carinho das professoras que me ofereciam um “colinho” reconfortante nos momentos de fragilidade e insegurança, mostrando um cuidado sensível e acolhedor. Elas intervinham nas situações de maneira tranquila e afetuosa, sem recorrer a gritos ou métodos bruscos, o que era uma abordagem muito mais reconfortante e eficaz do que o tratamento severo e agitado que, infelizmente, às vezes era observado em outros contextos. Essas experiências moldaram minha visão sobre o papel da empatia e da paciência na educação, e sou grata por ter sido acolhida por profissionais que compreenderam e valorizavam a importância do carinho e do respeito no processo educativo.

Assim como também tenho as memórias de professores que eu não sentia que me ouviam, que não me acolhiam, que não me ajudavam, essas são memórias mais recentes, especialmente do Ensino Médio. Percebo hoje, que ia melhor nas matérias em que os professores faziam questão de estar ali e ensinar, ficando nítido quando ele queria que o aluno aprendesse com vontade, claro que às vezes havia outras questões como realmente só não ser muito bom em um conteúdo, mas quando o professor estava de fato disposto a me ajudar e entender os meus motivos, surgia mais vontade de dar isso em troca.

Já inserida na escola em situação de estágio, ao observar o impacto do afeto na dinâmica cotidiana da sala de turmas de educação infantil, percebo como a forma com que mediamos esses momentos de tensão pode influenciar significativamente o comportamento e as futuras ações das crianças. A capacidade de oferecer um colo reconfortante, de escutar com empatia e

de proporcionar um ambiente seguro e acolhedor é vital para o desenvolvimento emocional e social das crianças. Esses elementos foram se tornando cada vez mais evidentes para mim nesses 4 anos inserida no contexto educativo, reforçando minha convicção sobre a importância do afeto na formação do sujeito na primeira infância.

Além das experiências profissionais como auxiliar de turma ou nas próprias cadeiras de práticas da faculdade, minha própria história pessoal também desempenhou um papel na escolha deste tema. Minha infância foi profundamente marcada pelo afeto e pelo cuidado da minha família. Até hoje, mantenho uma relação muito próxima e afetuosa com meus familiares, o que contribui significativamente para quem eu sou hoje. Lembro-me de como era importante para mim ter o apoio e o acolhimento das pessoas ao meu redor. Minhas palavras, ideias e opiniões sempre foram valorizadas e levadas em conta. Reconheço em minha trajetória que esse ambiente de carinho e respeito me proporcionou uma base sólida para meu desenvolvimento pessoal e emocional. Com isso me pergunto: Seria possível investigar se essa é a percepção de outros adultos que convivem e interagem com as crianças na primeira infância?

Essas lembranças e experiências pessoais me levaram a refletir sobre como a presença de afeto e atenção pode moldar o desenvolvimento de uma criança e a importância de continuar promovendo essas práticas no ambiente educacional. Compreender como esses fatores influenciam a formação do sujeito desde a primeira infância é fundamental para garantir que todas as crianças tenham acesso a um ambiente que favoreça seu crescimento e bem-estar em todos os sentidos, e foi essa compreensão que impulsionou minha escolha de tema para esta pesquisa.

Tenho dois irmãos pequenos por parte de pai, uma irmã de 6 anos e um irmão de 3. A convivência com eles tem sido uma experiência bastante enriquecedora e reveladora sobre a importância do afeto e de uma abordagem cuidadosa no desenvolvimento infantil. Inserida no curso de Pedagogia e em contextos educativos, na medida em que eu começava a compreender a relevância desses aspectos no crescimento das crianças, pude colocar em prática os conhecimentos que vinha adquirindo para a minha interação com meus irmãos. Quando comecei a observar e a refletir sobre as melhores práticas de cuidado e desenvolvimento, percebi que poderia oferecer orientações valiosas para meu pai em situações específicas envolvendo os pequenos.

Tive a oportunidade de ajudar meu pai a lidar com diversos desafios que surgiram na criação dos meus irmãos. Por exemplo, ofereci sugestões sobre como ele poderia abordar momentos de frustração ou como ele poderia incentivar comportamentos positivos de forma

mais eficaz. Em várias ocasiões, quando meu pai enfrentava dificuldades em encontrar a melhor forma de interagir com eles, eu pude compartilhar minhas ideias e estratégias, com base no conhecimento que adquiri durante a faculdade e na minha própria experiência.

Meu pai sempre demonstrou abertura e receptividade às minhas sugestões, assim como quando eu era criança e ele se mostrou atento às minhas opiniões e sentimentos. Essa dinâmica de respeito e comunicação aberta permitiu que eu me envolvesse ativamente na criação dos meus irmãos, de maneira construtiva e colaborativa. Além disso, essa experiência prática me proporcionou uma visão mais clara e pessoal sobre como os conceitos de afeto e cuidado se aplicam na formação das crianças, reforçando ainda mais minha compreensão sobre a importância desses fatores para o desenvolvimento saudável e equilibrado.

Falo do meu pai por conta dos meus irmãos, mas também reconheço e valorizo imensamente a atenção e o cuidado que minha mãe me deu durante a infância. Minha experiência de vida foi profundamente moldada pelo ambiente familiar que todos criaram para mim, mesmo sendo criada por pais separados. Desde os primeiros anos, meus pais estabeleceram uma base sólida para o meu desenvolvimento através de combinados, diálogos abertos e explicações claras. Em nossa casa, o respeito mútuo e a comunicação sempre foram prioritários, e eu cresci em um ambiente onde meus sentimentos e pensamentos eram sempre considerados e valorizados.

Em minha família até hoje isso é valorizado, dar a voz e o lugar a uma criança, o valorizar a criança como um ser humano, ouvir de fato suas ideias, suas emoções, os pensamentos, e isso não quer dizer que não devemos contrariar a criança, mas sim dar valor ao que ela nos traz, explicar e dar a devida atenção que ela está esperando de nós naquele momento.

Além dos aspectos mais estruturais da criação, o afeto físico desempenhou um papel crucial na minha infância. Recebi carinhos e demonstrações de amor constantemente, o que me proporcionou uma sensação profunda de segurança e pertencimento. E trago isso comigo profissionalmente, não tem nada que eu goste mais do que dar um “colinho” em um momento de tristeza ou só para mostrar que estou ali e passar essa confiança.

Tenho clareza de que essas experiências moldaram minha visão de mundo e minha compreensão sobre a importância de um ambiente afetivo no desenvolvimento de uma criança. Meu desejo de destacar a importância do afeto na formação de uma criança, seja na infância ou em um resultado futuro, é uma extensão do que vivi e aprendi com minha família. Foi esse amor constante e esse ambiente acolhedor que me ajudaram a crescer confiante e segura de mim mesma. Por isso, sinto uma profunda motivação para mostrar como é crucial

que as crianças se desenvolvam em lares e ambientes que promovam o afeto, a compreensão, a escuta e o suporte emocional. Acredito que oferecer às crianças um ambiente onde o amor e a atenção são expressos de maneira genuína e consistente é fundamental para seu crescimento e bem-estar, e é isso que desejo evidenciar através da minha pesquisa.

Assim, parto da pergunta "**Qual a importância do afeto na primeira infância para o desenvolvimento do sujeito?**", tendo como perspectiva investigativa explorar e evidenciar os aspectos positivos desse tema, especialmente considerando que, atualmente, ainda existem muitas professoras e professores que adotam uma abordagem autoritária com as crianças, em que elas só devem obedecer, sem serem acolhidas e vistas em suas necessidades e interesses. O objetivo geral da pesquisa é compreender o papel do afeto nas práticas educativas para o desenvolvimento do protagonismo infantil do ponto de vista dos professores. Para isso, os objetivos específicos são: (1) delinear teoricamente os conceitos de afeto e de protagonismo no contexto da educação infantil; (2) conhecer a visão de professores sobre a relação entre afeto e desenvolvimento emocional das crianças; (3) identificar a presença do afeto nas práticas pedagógicas na educação infantil; e (4) identificar a percepção de professores da educação infantil sobre a relação entre afeto e protagonismo infantil.

Após a apresentação do tema, da problemática da pesquisa e de seus objetivos no Capítulo 1, o Capítulo 2 aborda os conceitos centrais desta pesquisa: Afeto, Protagonismo e Desenvolvimento Infantil, que constituem os principais pontos de análise deste estudo. Esses conceitos serão explorados para compreender como influenciam no processo do desenvolvimento do protagonismo infantil. No Capítulo 3, é apresentada a metodologia da pesquisa, com enfoque na abordagem qualitativa exploratória utilizada neste estudo e análise de dados. Por fim, o Capítulo 4 traz as considerações finais, com reflexões sobre os resultados obtidos.

## 2. AFETO, PROTAGONISMO INFANTIL, DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

Para desenvolver o referencial teórico desta pesquisa parte-se da pergunta "Qual a importância do afeto na primeira infância para o desenvolvimento do sujeito?". A partir dessa indagação, busca-se conceituar o afeto, o protagonismo infantil, o desenvolvimento do sujeito, evidenciando como esses elementos estão interligados no processo de formação da criança.

### 2.1 AFETO

Desde o período da gestação, quando a mãe acaricia e conversa com a “barriga” é demonstrada a importância do afeto para a criança, com o fortalecimento desse vínculo e da escuta, a voz materna acalma o bebê na barriga, se efetiva uma troca de emoções, ação e reação, nesse gesto repetido é criado um laço e uma confiança. Assim, o afeto, de todas as formas, constitui base de qualquer relação.

É comum que tanto em ambiente familiar quanto no ambiente educativo, as crianças sejam de certa forma silenciadas por serem apenas crianças e não serem consideradas seres completos e ativos. Segundo Izabel Galvão (2023) é possível identificar na pedagogia do educador belga, Decroly, pontos de convergência com sua psicologia, no que tange a exigência de a escola ver a criança como ser total, concreto e ativo.

Acerca dessa oportunidade como condição necessária para as manifestações das crianças, a escuta se mostra fundamental.

Desde o início, as crianças demonstram que têm uma voz, que sabem como escutar e que querem que os outros lhes deem ouvidos. A sociabilidade não é ensinada às crianças; eles são seres naturalmente sociais. As crianças pequenas sentem-se fortemente atraídas pelos meios e pelas linguagens (e, portanto, pelos códigos) que a nossa cultura produziu. Escutar, portanto, parece ser uma predisposição inata presente no nascimento, que apoia os processos de socialização e de aculturação das crianças. (Rinaldi, 2016, p. 238).

Nesse sentido, Carlina Rinaldi (2016) afirma que, quando valorizamos os pensamentos das crianças, estamos reconhecendo-as como indivíduos que têm algo importante a dizer, o que faz com que elas se sintam significativas para nós, adultos. As crianças, ao tomarem conhecimento de que suas opiniões e ideias são ouvidas, sentem-se valorizadas e percebem que fazem parte de cada um de seus processos de aprendizagem e desenvolvimento, pois são respeitadas e sua forma de expressão é bem-vinda. Esse reconhecimento fortalece sua

confiança, permitindo que se sintam mais seguras para expressar suas ideias e participar ativamente do ambiente ao seu redor.

Ao abordar o papel do professor no processo de avaliação e possibilidades à documentação dos processos vividos pelas crianças, Rinaldi (2016, p. 243) afirma que "tornar a escuta visível significa estarmos abertos às teorias das crianças" para representá-las, o que enfatiza a importância de ouvir de forma atenta e receptiva às ideias e reflexões que as crianças expressam, reconhecendo-as como construtoras de conhecimento. Ao tornar a escuta visível, os adultos não apenas demonstram que prestaram atenção nas palavras das crianças, mas também que ao se abrirem para as maneiras únicas com que elas percebem o mundo e se expressam têm o compromisso de contemplar isso no cotidiano educativo.

Acerca da escuta, Rinaldi (2016) destaca alguns aspectos que a caracterizam: a escuta precisa ser aberta e sensível e escutada com todos os sentidos; escutar demanda tempo, um tempo de diálogos e de silêncios; a escuta produz perguntas e não respostas; escutar não é fácil pois exige uma profunda consciência e abertura à mudança; escutar é a base de qualquer relação; entre outros muitos pontos. Essas reflexões nos mostram que escutar de verdade vai muito além de ouvir palavras; é um ato de presença, de respeito e de disposição para o outro. Isso significa que, para estabelecer relações genuínas entre professora e criança, precisamos estar dispostos a escutar de forma profunda, o que demanda paciência, empatia e uma constante abertura para aprender com o outro. A escuta é um caminho para construção de vínculos, é uma forma de afeto.

O processo de documentação e avaliação utilizado na educação infantil abordado por Rinaldi (2016) e que traz essa ideia de "tornar a escuta visível" se torna fundamental, pois é justamente nessa fase que as crianças estão começando a construir suas primeiras compreensões sobre o mundo ao seu redor. Ao estarmos abertos às suas percepções e ideias, não apenas valorizamos a individualidade de cada criança, mas também reconhecemos que elas são participantes ativas em seu processo de aprendizagem. Isso significa que, ao invés de apenas observar as crianças, é preciso aprender a escutá-las com atenção, a fim de compreender os sentidos daquilo que estão vivendo e aprendendo. Isso transforma a avaliação na educação infantil em um processo contínuo e dinâmico, que não se limita a avaliar conhecimentos, mas sim a compreender o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças.

Estudos sobre as crianças, de abordagem antropológica e sociológica, tem contribuído para problematizar o quanto e o que se sabe sobre elas, em relação a isso Ian Butler (1996, apud Friedmann, 2020, p. 128) afirma que "o que se sabe sobre as crianças é o que os adultos sabem, não o que as crianças têm a dizer". Essa ideia reafirma o quão valioso é trazer o afeto em forma

de escuta, o quão valioso é para as crianças que elas se sintam ouvidas, o quanto isso incentiva elas a viver o protagonismo na infância. Em uma relação entre criança e adulto, em que ela é valorizada e escutada, se estabelece uma condição favorável ao diálogo no qual a criança se posiciona e o adulto considera o que ela diz e esse diálogo pode ser a afirmação de que a criança também é importante.

Na perspectiva antropológica de Adriana Friedmann (2020), a autora traz o conceito de escuta com o sentido de presença, vínculo, conexão e respeito, e acolher o momento do outro. E isso corresponde ao conceito de afeto, pois nos momentos em que não conseguimos colocar em prática de fato a escuta, a criança não vai se abalar visto que ela nota esse afeto e essa escuta presentes em outras atitudes e momentos. Nesse sentido também:

especialistas podem nos sinalizar possibilidades, mas cabe a nós, enquanto educadores e cuidadores, estarmos atentos às emoções, expressões e falas das crianças, e oferecer caminhos para que se expressem como formas de canalizarem suas dores, feridas, prazeres e alegrias. (Friedmann, 2020, p. 69).

Nessa mesma direção, de dar valor aos sentimentos e pensamentos da criança “Reconhecer o pensamento mágico animista da criança, interagir com ele, isso é imprescindível para fazer a escuta dessa criança, dialogar com ela e assim educá-la de modo vivo, sensível e criador” (Antônio; Tavares, 2022, p. 29).

Como afirmam Severino Antônio e Kátia Tavares (2022) o reconhecimento da experiência afetiva é tão essencial quanto da experiência cognitiva, assim o sentimento sendo tão importante quanto o raciocínio e que não deveria ser dissociado o sensitivo do intelecto, porque a criança sente e pensa inseparadamente. Dessa maneira, tudo na criança deve ser valorizado, seus atos, seus pensamentos, emoções, sentimentos, sua voz.

## 2.2 PROTAGONISMO INFANTIL

Uma criança protagonista, pelas palavras de Peter Moss (2009, apud Guizzo; Balduzzi; Lazzari, 2019, p. 274), é uma "criança competente e curiosa, sociável e forte, e ativamente envolvida na criação de sua experiência e na construção de sua identidade e conhecimento". Assim, pode-se afirmar que o protagonismo infantil está profundamente ligado ao desenvolvimento da criança, o qual, por sua vez, é fortemente influenciado pelas interações e pelos cuidados das pessoas ao seu redor, bem como pela forma como estas lidam com ela.

Conforme Guizzo; Balduzzi; Lazzari (2019) o protagonismo infantil está ligado à participação efetiva da criança no seu desenvolvimento, assim como na resolução de problemas

e situações no cotidiano, com supervisão e orientação dos adultos em que convivem. Portanto, o protagonismo infantil depende diretamente da interação entre a criança e o adulto, que, por meio de orientação e acompanhamento, possibilita o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de resolução de problemas no contexto cotidiano.

As crianças tornam-se gradativamente ainda mais dispostas para explorar as possibilidades de seus corpos e dos espaços aos quais têm acesso. O encorajamento e o incentivo são fundamentais para que elas aprendam com as suas próprias experiências com ousadia e vivacidade. (Guizzo; Balduzzi; Lazzari, 2019, p. 280).

Destaca-se a forma como as crianças, aos poucos, se tornam mais dispostas a explorar o mundo ao seu redor, testando os limites de seus corpos e os espaços que habitam. Esse processo de descoberta é fundamental para o desenvolvimento da autonomia, e o encorajamento dos adultos desempenha um papel importante nesse processo. Ao serem incentivadas, as crianças aprendem a lidar com suas próprias experiências, com coragem e curiosidade, assim o papel do adulto vai além de simplesmente supervisionar, ele precisa estar presente de forma a apoiar a criança e a escutá-la, permitindo que ela experimente, erre e aprenda por conta própria. Quando isso acontece, a aprendizagem se torna uma jornada cheia de descobertas e emoções, na qual a criança não apenas aprende, mas também fortalece sua confiança e constrói sua identidade.

No contexto educativo, a relação professor-aluno deve ser uma relação de confiança, que é integrada por respeito, cuidado e incentivo, segundo Guizzo; Balduzzi; Lazzari (2019). Em decorrência disso, retoma-se a ideia de protagonismo infantil, destacando que ele não é apenas uma possibilidade, mas também um desejo de que crianças e professoras estabeleçam uma relação que favoreça o estímulo diário ao desenvolvimento infantil, por meio da realização de pequenas tarefas. Não eliminando também o papel crucial que tem o afeto em forma de escuta e acolhimento nesse processo.

Na perspectiva de que o protagonismo seja, de fato, uma realidade entre as crianças, Paula Baggio (2023) retoma alguns pontos essenciais destacados por Aldo Fortunati como a confiança, a oportunidade e o tempo são fundamentais para esse processo. A confiança, entendida como o reconhecimento das competências e potencialidades das crianças; a oportunidade, vista como um investimento na criação de uma ecologia educacional que gere experiências significativas; e o tempo, como a capacidade de alinhar o ritmo das crianças com as necessidades da educação.

No contexto da educação infantil, um dos instrumentos didáticos utilizados por professoras/es é a documentação, e para Bárbara Pagni (2014, apud Baggio, 2023), a



documentação é um instrumento privilegiado e imprescindível para evidenciar o protagonismo da criança através da sua própria capacidade de lhe dar visibilidade. Dessa forma, ao realizar a documentação, a professora desenvolve um olhar mais atento e detalhado sobre a criança, percebendo aspectos e atitudes que, no cotidiano, poderiam passar despercebidos. Esse olhar mais focado contribui para ressaltar a criança, promovendo seu protagonismo.

Neste processo, não pode ser negligenciada a conexão entre a escola e a família. O caminho para o protagonismo infantil deve ser construído por ambas as partes. De acordo com Baggio (2023), cada família vem de um contexto único e carrega uma história consigo, o que torna a relação entre escola e família fundamental para reconhecer a criança como única e protagonista de sua infância. Esse projeto será bem-sucedido se ambos os lados conseguirem unir esforços, oferecendo as melhores oportunidades para o crescimento, desenvolvimento, interações e aprendizagens da criança.

### 2.3 DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

Em sua análise sobre a teoria de Henry Wallon, Galvão (2023) aborda o fato de que o desenvolvimento humano é “geneticamente social”, ou seja, o desenvolvimento da criança tem a total influência do meio em que vive e, portanto, só é possível entender a atitude dela se entendermos a trama do ambiente em que ocorre seu desenvolvimento. Relaciona-se a isso com a ideia de que não é possível entender a criança se não formos capazes de ouvi-la, de nos dispormos a olhar para ela desde sua perspectiva, por meio de uma escuta sensível e verdadeira. E ainda, se entendermos a criança como sujeito de direitos, isto é, de que toda criança pode usar sua voz e dizer o que pensa a partir de si mesma, desde sua percepção do mundo, do seu modo próprio de sentir e se relacionar com o outro. Isso nos exige compreender a criança como um ser que vai se constituindo, se fazendo, se manifestando em sua particularidade, ou sua personalidade, conforme as relações com o meio.

Galvão descreve o estágio do personalismo da seguinte maneira:

(...) que cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas. (Galvão, 2023, p. 39).

Na primeira infância é que começa a construção social e de personalidade da criança, assim é importante que ela seja cercada por afeto para que cresça com influências positivas. É nessa idade em que o indivíduo começa a se espelhar em quem está à sua volta, gerando

conflitos internos e externos, e essa confluência de fatores relacionados e ambientados no contexto de vida da criança resulta na criação de sua personalidade. Segundo a perspectiva walloniana de Galvão (2023) o desenvolvimento infantil é pontuado por conflitos. Quando a criança começa a se manifestar, por meio da própria voz, ou seja, a dizer por si mesma com todas as linguagens, é que dar oportunidade a ela para isto acontecer se torna fundamental, da sua iniciativa de pegar a colher para comer, ou quando ela quer escolher a roupa que vai usar, até o momento em que ela solicita ser acolhida e entendida em alguma frustração.

A partir dessas reflexões, podemos pensar que a construção da personalidade e o desenvolvimento social das crianças estão intrinsecamente ligados à qualidade das relações afetivas e ao grau de participação ativa que elas experimentam em suas interações cotidianas. Desde a gestação, a comunicação e a troca afetiva com o ambiente e com as figuras cuidadoras são fundamentais para o desenvolvimento emocional e social do indivíduo. A teoria de Henry Wallon, conforme discutida por Galvão (2023), enfatiza a importância do ambiente social na formação da personalidade, evidenciando que a criança desenvolve sua identidade e competências sociais por meio das interações e das relações afetivas que estabelece. Portanto, a abordagem de Decroly (Galvão, 2023), que defende que a escola deve reconhecer a criança como um ser total e ativo, reforça a necessidade de ouvir e compreender a criança em sua totalidade, respeitando sua voz e suas necessidades.

No âmbito familiar, referindo-se a análises do psiquiatra Içami Tiba, Léa Sousa (2008) caracteriza a relação entre crianças e pais que não dialogam com seus filhos, apenas dão ordens, causando efeitos no desenvolvimento da criança, que constituirá suas referências de afeto por um modo autoritário, além disso, ao não participar de decisões importantes de sua vida, a criança se torna passiva. Com isso, se evidencia a diferença da construção social e emocional de uma criança que tem participação ativa em sua própria vida e uma que apenas obedece a ordens.

Já Adriana Friedmann (2020), traz em seus estudos que na ausência das oportunidades de expressão da criança, ela pode vir a sofrer danos psíquicos, que podem ser expressos por meio de explosões de raiva, agressividade, depressão, ausência de interesse nas coisas e até falta de integração nos grupos de convivência. Assim, muitas dessas questões emocionais, que podem se manter até a adultez, estão diretamente ligadas à infância e ao modo como os adultos presentes na vida da criança lidam com ela. Para que seja possível a criança desenvolver o protagonismo de sua vida e se enxergar como um ser humano, ela deve ser também compreendida sentimentalmente, ter confiança em pessoas de sua volta, em adultos de referência, ter segurança de suas atitudes.

Afetos positivos na interação das crianças entre si e com os adultos geram sentimentos de segurança e prazer, fatores imprescindíveis para sua saúde mental. Eventos adversos ou traumáticos, físicos ou psíquicos podem elevar os níveis de cortisol, hormônio que afeta o metabolismo, o sistema imunológico. (Friedmann, 2020, p. 95).

Podemos pensar em casos de comportamentos recorrentes na educação infantil propagados como diagnósticos de hiperatividade, TDH e que se normalizam enquanto modo de ser da criança. Alguns modos de ser da criança, como a falta de limites, a ansiedade, entre outros, são exemplos do que, por vezes, é dose mínima, exagerada ou compensatória de afeto. A relação entre pais e filhos exige uma presença de qualidade, não quantidade, o adulto ausente que busca compensar sua falta com um presente, pode gerar mais frustração e uma ideia errada de premiação.

Então, qual seria o papel dos adultos na construção de comportamentos que em geral se atribui ou culpabiliza a criança por seu modo de ser?

Sobre os modos de as crianças se constituírem sujeitos, Antônio e Tavares abordam que a “Mimese é imitação criadora: a criança apreende o mundo imitando os seres de sua convivência. Ela imita os pais, os familiares e outros adultos, imita outras crianças, os professores, os bichos, as plantas” (Antônio; Tavares, 2022, p. 28). Com isso, como seria possível querer que a criança se torne um sujeito tranquilo, empático, protagonista de sua vida, afetuoso, respeitoso, se o que ela tem em seu entorno é o contrário disso? Ou melhor, são os exemplos cotidianos daquilo que falamos e dizemos às crianças, reforçando valores, princípios, modo de ser, que comporão as referências do que elas também podem ser.

Antônio e Tavares (2022) também trazem à reflexão que um dos trabalhos mais fecundos na educação da infância é conseguir cultivar a empatia das crianças, com escuta e diálogo, com a alegria de conviver. Assim, caso isso não for cultivado a criança pode vir a ser competitiva, indiferente e desprezante com os outros, se tornando uma pessoa com preconceitos e discriminações. Por isso, também caso o adulto que a cria seja dessa maneira, ela poderá o imitar, crescendo com os mesmos ideais e valores indesejáveis.

### 3. METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, por meio de entrevistas semiestruturadas. A escolha pela metodologia qualitativa se dá pela sua capacidade de aprofundar a compreensão das dinâmicas subjetivas e das experiências das pessoas. Como afirma Hartmut Gunther (2006), a pesquisa qualitativa busca entender as complexas relações entre os indivíduos, levando em consideração o contexto em que estão inseridos, ao invés de tentar isolá-los ou explicá-los por meio de variáveis simples. Nesse tipo de pesquisa o foco é construir conceitos, ideias e teorias a partir das experiências vividas pelos participantes. Ela é baseada na interpretação de textos, relatos e narrativas, e não em dados numéricos, o que permite uma análise mais detalhada dos significados que as pessoas atribuem aos processos e situações que vivenciam. O objetivo, portanto, é entender a fundo o que está por trás das percepções e experiências dos sujeitos, oferecendo uma visão mais completa da realidade investigada.

Quanto ao caráter exploratório desta pesquisa, Antônio Carlos Gil (2002) enfatiza que seu principal objetivo é aumentar a compreensão sobre o problema investigado, ajudando a torná-lo mais claro, ou até mesmo a construir hipóteses iniciais sobre o tema. A pesquisa exploratória, segundo o autor, é um primeiro passo essencial quando se busca entender melhor um problema, especialmente quando ele ainda não foi totalmente investigado ou quando se deseja abrir novas perspectivas de análise. Nesse tipo de pesquisa, alguns dos procedimentos mais comuns incluem o levantamento bibliográfico, que permite compreender o que já foi estudado sobre o assunto; a realização de entrevistas com pessoas que têm experiência prática com o problema em questão, o que oferece uma visão mais próxima da realidade; e a análise de exemplos concretos, que ajudam a ilustrar os aspectos do problema e a embasar a reflexão. Ao seguir essas abordagens, a pesquisa exploratória não só amplia o entendimento do tema, como também abre caminhos para questionamentos mais profundos e para o desenvolvimento de novas ideias e hipóteses que podem ser exploradas em investigações futuras.

#### 3.1. O CONTEXTO DA PESQUISA

Tendo como perspectiva a escuta de professores de educação infantil acerca do tema de pesquisa, a escolha desses profissionais se deu em função da disponibilidade de sujeitos em uma dada realidade, que consistiu em um pequeno grupo de três professoras, ao que se propôs delinear características importantes para demarcar o perfil dessas. Destaca-se que as referidas

professoras fazem parte do contexto de trabalho da pesquisadora, o que favoreceu a possibilidade de realização das entrevistas. Em relação à instituição, uma vez que não se objetivou relacionar a perspectiva das professoras à proposta pedagógica da escola, mas, conhecer a sua visão a respeito do tema, a investigação não abarca a contextualização da escola.

A escolha das professoras foi feita pela pesquisadora por conviver no dia a dia com as professoras e achar que elas se encaixam no contexto da pesquisa pela maneira de lidar com as crianças no cotidiano. Assim, as professoras foram convidadas a participar como sujeitas dessa pesquisa, por meio de entrevista semiestruturada, compondo 3 entrevistas de mais ou menos 30 minutos. Para a realização das entrevistas na escola, considerando a facilidade de conciliação dos tempos das pessoas envolvidas, foi solicitado à direção, que prontamente concordou. A seguir, as professoras foram consultadas sobre dia e horário e marcou-se a entrevista.

Sendo as professoras sujeitas da pesquisa, foi encaminhado link do google forms para coletar dados básicos a fim de caracterizar sua condição profissional, conforme os dados (quadro 1) a seguir:

Quadro 1: Dados das professoras

<b>Professora<sup>1</sup></b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de atuação na Educação Infantil</b>	<b>Tempo de atuação como titular na Educação Infantil</b>	<b>Referenciais Teóricos sobre afeto e protagonismo</b>
Rosa	40	Pedagogia	24 anos	20 anos	O cérebro da criança; Afetos e emoções na EI; A ética na EI; Reggio Emilia e Emmi Pikler
Margarida	38	Pedagogia	15 anos	12 anos	Bianca Storck; Paulo Fochi e Queila Vasconcelos
Girassol	27	Pedagogia	9 anos	3 anos	Livros e cursos

Fonte: produzido pela autora, 2024.

Conforme os dados coletados, percebe-se a respeito das professoras uma diferença significativa em anos de experiência, e pouco de diferença em quantidade de referencial teórico. Rosa, a mais experiente, com 40 anos e 24 de atuação, sendo 20 como titular, demonstra ter uma base fundamentada em abordagens como Reggio Emilia, Emmi Pikler e obras voltadas ao afeto e ética na infância. Margarida, com 38 anos e 15 de atuação, sendo 12 como titular, utiliza autores como Bianca Storck, Paulo Fochi e Queila Vasconcelos, que abordam o desenvolvimento socioemocional e o protagonismo infantil. Girassol, a mais jovem,

<sup>1</sup> As professoras foram identificadas por nomes de flores a fim de preservar sua identidade.

com 27 anos e 9 de atuação, sendo apenas 3 como titular, demonstra estar em uma fase inicial de consolidação profissional, contudo, mesmo sem trazer referências destaca que tem realizado cursos e lido livros.

### 3.2. O ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA

Para a efetivação da coleta de dados, conforme data e horário estabelecidos com as professoras para a realização das entrevistas, seguiu-se o cronograma, sendo necessário apenas um ajuste em função da primeira data marcada, que seria um feriado e só foi próximo do dia, precisando ser remarcada.

A cada entrevista, realizada em uma sala oferecida pela escola, inicialmente, agradeceu-se à professora pela sua disponibilidade, sendo apresentado o TCLE (Apêndice A) a fim de proceder a leitura, esclarecimentos a respeito da pesquisa e assinatura mediante a concordância com a entrevista e gravação dela, sendo também explicado que após a sua transcrição, a entrevistada teria acesso às respostas para sua concordância em relação aos dados coletados. A seguir, iniciou-se a entrevista com roteiro semiestruturado (quadro 2).

Quadro 2: Questões do roteiro de entrevista semiestruturada

<b>ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS</b>
1. Como você define afeto? Em sua opinião o afeto influencia no desenvolvimento da criança?
2. Você percebe diferenças no desenvolvimento do protagonismo entre crianças que são mais ouvidas e valorizadas em suas ideias e sentimentos?
3. Você acredita que o afeto pode impactar a autoestima das crianças? Como isso pode se relacionar com o protagonismo?
4. Quais estratégias você utiliza para proporcionar uma relação afetuosa e acolhedora com as crianças em sala?
5. Quais sinais você observa em crianças que se sentem acolhidas e valorizadas no cotidiano da escola?
6. Em sua opinião, o afeto impacta na participação das crianças para a realização de quaisquer propostas?

Fonte: produzido pela autora, 2024.

As entrevistas foram realizadas no dia 18 de Novembro com a professora Rosa, durando aproximadamente 40 minutos, dia 19 de Novembro com a professora Margarida, tendo aproximadamente 20 minutos de conversa, e dia 22 de Novembro com a professora Girassol, com mais ou menos 30 minutos de duração.

Uma vez que se optou pelo tipo de roteiro semiestruturado, agregou-se mais uma pergunta na sequência da pergunta 4 na entrevista com a professora Rosa, sendo ela “Tu acha que mesmo se essa criança for mais introvertida ela vai mostrar de algum jeito?”. Nas outras entrevistas não foi necessária nenhuma nova pergunta, pois as entrevistadas contemplaram a questão inteiramente na sua resposta.

### 3.3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Após realizar as entrevistas com as 3 professoras da Educação Infantil, com a perspectiva de relacionar as falas das entrevistadas ao tema da pesquisa, deu-se a produção de dados a partir da leitura das respostas, organizadas em 4 aspectos: 1) O papel do afeto no desenvolvimento da criança; 2) Relação entre afeto e protagonismo; 3) Ações docentes nesse processo e seus impactos; 4) A influência do acolhimento e valorização da autoestima da criança para o cotidiano educativo.

Referente ao primeiro aspecto, **o papel do afeto no desenvolvimento da criança**, primeiramente as professoras desenvolveram o que é o afeto na concepção delas:

*O afeto é afetar e ser afetado, tocar e ser tocado, escutar e ser escutado, então é um relacionamento de respeito nesse cotidiano. (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024).*

*Afeto é ter esse carinho, cuidado, um olhar atento com as crianças, e tudo isso influencia no desenvolvimento da criança porque ela vai ser mais escutada, ela vai ser mais acolhida, com isso a gente vai ver também as dificuldades dela, quais as fragilidades. (Professora Girassol, 22 de Novembro de 2024).*

*O afeto é o carinho, é o vínculo e essa conexão que a gente vai estabelecendo com a criança desde o início. (Professora Margarida, 19 de Novembro de 2024).*

Após, elas relacionam o papel do afeto no desenvolvimento da criança, trazendo os seguintes pontos:

*Uma base muito forte de conexão e emoção, e quando estamos nesse processo, estamos falando do sistema mais primitivo que temos na neurociência e no cérebro humano, que é a base para consolidar as memórias. (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024).*

*Ele influencia cem por cento nesse desenvolvimento da criança porque se a gente não tem afeto, não cria vínculo e se não cria vínculo, todos os processos ficam mais difíceis, dificulta a rotina, o acesso às crianças das diferenças, o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças em sala de aula. (Professora Margarida, 19 de Novembro de 2024).*

*A criança se desenvolve cada vez mais e melhor quando o adulto está junto tendo esse carinho, esse cuidado, valorizando cada pequena conquista dela. A criança precisa de incentivo, precisa de elogio, saber que tá tudo bem, que tá indo pelo caminho certo. (Professora Girassol, 22 de Novembro de 2024).*

Todas as professoras concordam com o fato de que o afeto tem uma grande influência no desenvolvimento da criança, assim como Galvão (2023) traz em sua perspectiva walloniana, enfatizando a importância do ambiente social na formação da personalidade e desenvolvimento, a criança desenvolve suas competências sociais por meio de interações e das relações afetivas que estabelece. Na primeira infância a criança se espelha em quem está à sua volta, gerando conflito entre si, resultando na formação de sua identidade.

Logo, assim como as professoras entrevistadas destacam o afeto como gestos de carinho, escuta, olhar atento e acolhimento, e se esses sentimentos são oferecidos à criança, então ela cresce internalizando esses comportamentos. Isso contribui para a formação de sua personalidade, pois ela tende a reproduzir com os outros as atitudes que recebeu. Ao longo do tempo, a criança aprende a expressar e compartilhar o mesmo afeto recebido, criando relações baseadas em empatia e respeito. Com isso, é válido ressaltar uma fala da professora Rosa na pergunta 4, que questiona quais estratégias são utilizadas dentro de sala para proporcionar essa relação afetiva:

*é muito difícil da gente adulto reconhecer o erro e pedir desculpas pras crianças, quando a gente não tomou a melhor atitude ... e fazer esse movimento de tu tem razão e eu errei, ele é tão fundamental para com que a criança confie na gente, porque ela sabe que a gente também erra e ela aprende com esse exemplo. (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024)*

É importante para a criança ver esse movimento vindo de um adulto, para que ela também se sinta segura em reproduzir esse ato e se sinta validada.

Vale destacar ainda a resposta da professora Rosa que relaciona um aspecto teórico ao afeto, trazendo referência à neurociência, o que nos sugere pensar que esta professora tem se dedicado a pensar e estudar a respeito do tema.

Sobre o segundo aspecto, **relação entre afeto e protagonismo**, de um modo geral as professoras falam que não é possível existir o protagonismo se não tiver a escuta ativa, o olhar, a valorização da criança, o incentivo. É reforçada a importância do vínculo nesse processo, o vínculo como possibilidade de colocar a criança em evidência, de fazer com que elas se sintam confiantes no dia a dia e sintam a liberdade de poder se expressar e agir.



*“O afeto, ele deixa as crianças mais seguras, então a criança só vai conseguir ter o protagonismo se ela se sentir segura para que ela possa se expressar, possa ser a essência dela.”* (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024).

*“A criança que se sente pertencente aquele espaço, aquela sala e que a voz dela tem um valor, um significado, uma importância pro adulto e pras outras crianças, faz toda diferença nesse protagonismo e no desenvolvimento de todo o resto.”* (Professora Margarida, 19 de Novembro de 2024).

*“A gente precisa valorizar o sentimento da criança, e validar, eles têm que saber que tá tudo bem esse sentimento, tá tudo bem expressar quaisquer que seja o sentimento, que independente do que for, eles têm alguém que tá ali com eles, por isso é importante o papel do adulto para mediar isso.”* (Professora Girassol, 22 de Novembro de 2024).

As três professoras se referem à criança como sujeito que precisa se sentir parte para exercer seu protagonismo, o que sugere um ambiente seguro para dizer o que se pensa, de escuta e de expressão onde os sentimentos são acolhidos e validados, promovendo uma interação respeitosa e significativa entre adultos e crianças.

Como destaca Rinaldi (2016), a escuta sensível é estar aberto às crianças e suas teorias, assim enfatiza a importância de estar presente na hora da escuta, entrar no mundo das crianças para poder entender de fato suas expressões e suas visões. Rinaldi (2016) destaca que a escuta precisa ser aberta e com todos os sentidos, a escuta demanda tempo, produz perguntas e não respostas, que a escuta exige uma consciência.

Em relação ao protagonismo Guizzo, Balduzzi e Lazzari (2019) trazem a ideia sobre o protagonismo infantil ser o resultado de uma relação professor-criança que favorece o estímulo diário ao desenvolvimento infantil. E essa relação é formada por confiança, respeito, cuidado e incentivo, como é citado na resposta da professora Rosa *“então a criança só vai conseguir ter o protagonismo se ela se sentir segura”*, na fala da professora Girassol *“... eles tem alguém que tá ali com eles”*. Nota-se nas respostas das professoras elas trazem a importância de a criança se sentir pertencente àquele lugar, de saber que o adulto vai estar ali com ela, de passar essa segurança para a criança, e isso reforça a ideia do vínculo e da relação professor-criança que deve ser estabelecida em sala de aula para que o protagonismo seja efetivado.

No terceiro aspecto, **ações docentes nesse processo e seus impactos**, as professoras refletiram sobre quais as estratégias elas utilizam em sala de aula para que o afeto traga resultados positivos nas propostas e no dia a dia. Para que isso seja efetivo, elas demonstram saber a importância do acolhimento, da empatia, do incentivo, e que isso deixa a criança à vontade até para conseguir dizer que não está a fim de fazer tal proposta, e cabe à professora entender isso também. A pergunta 4 indaga as professoras sobre quais as estratégias elas utilizam em sala para proporcionar essa relação afetuosa com as crianças, apesar de as respostas

serem em um geral bem parecidas, reforçando o que já haviam trazido antes sobre vínculo e escuta, há particularidades em cada uma das respostas, como podemos verificar a seguir:

*Uma educação socioemocional minha ... a partir do momento em que eu estou equilibrada no meu socioemocional e eu criei uma relação de confiança com as crianças, é fazer uma manutenção disso no dia a dia. (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024).*

*Essas crianças têm esse poder de participar das escolhas e das decisões, que acontecem em sala de aula, então acho que isso fortalece esse vínculo e proporciona essas relações de afeto e carinho. (Professora Margarida, 19 de Novembro de 2024).*

*A roda de conversa é o mais fundamental pra isso porque é o momento de todo mundo, e a forma como a gente resolve o conflito entre eles também, ajudar eles a conversar com o outro, são as coisas que eu mais uso em sala pra ajudar. (Professora Girassol, 22 de Novembro de 2024).*

Dando ênfase à resposta da Professora Rosa sobre a educação socioemocional, é possível estabelecer uma relação com a ideia de “mimese” (Antônio; Tavares, 2022, p. 28), que se refere à imitação da criança, ou seja, a ideia de que a criança apreende o mundo através da imitação das pessoas ao seu redor, tal como os modos de ser, de se relacionar dos adultos constituem referência para as crianças também se relacionarem entre si ou com os adultos. Assim, se a professora não tivesse a preocupação de estar sempre equilibrada emocionalmente, ela não conseguiria transmitir isso para as crianças. Dentro da sala, as crianças teriam outro exemplo a seguir e replicar. Além disso, na resposta à pergunta número 4, que questiona suas estratégias para tornar possível esse afeto, ela menciona que:

*a tendência que a gente tem é replicar as relações que a gente vivenciou. Então, acho que a primeira estratégia, quando a gente reconhece que não vivenciamos isso, é se curar primeiro dos nossos traumas e feridas (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024).*

Dessa forma, ela evidencia a preocupação com o que é transmitido às crianças, especialmente no que se refere às emoções.

Nas respostas das professoras Margarida e Girassol é notável a preocupação que elas têm em deixar a criança se expressar, que ele tenha lugar de fala, lugar de decisão. De maneira análoga, Friedmann (2020) diz que se a criança não tem oportunidade de se expressar, ela pode vir a ter danos psíquicos, podendo expressar explosões de raiva, agressividade, depressão, falta de sociabilidade. Portanto, garantir o direito à fala e à expressão no ambiente escolar não é apenas uma prática pedagógica, mas uma necessidade para o desenvolvimento saudável da criança.

Sobre os resultados dessas estratégias na prática, todas as professoras concordam e afirmam que sim, o afeto faz muita diferença na hora da resolução de propostas oferecidas em sala de aula. O afeto, portanto, não apenas facilita o aprendizado, mas também cria um ambiente de confiança, onde as crianças se sentem valorizadas e dispostas a participar ativamente das atividades.

*Quando a gente reconhece que a criança ela é um sujeito, um ser humano, com vontades e desejos, necessidades que são básicas, o afeto ele te abre portas pra criança poder te dizer “prof eu tô cansada, eu não quero fazer isso hoje, eu não tô com vontade” e ela só vai fazer isso, porque ela tem esse vínculo afetivo, essa confiança de que a professora não vai julgar, e que ela não tá ali pra agradar a professora, ela entende o quanto aquilo é bom pra ela e sente prazer. (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024).*

*Esses sinais vão se refletindo positivamente, porque elas vão se sentindo seguras, respeitadas e apoiadas. Ai tem a relação do engajamento dessas crianças nas atividades, a iniciativa, a proatividade. (Professora Margarida, 19 de Novembro de 2024).*

*... o afeto impacta muito na participação delas na realização das propostas, porque uma criança que não tem esse carinho e não se sente confiante, vai ser muito diferente do registro daquela criança que tem esse olhar ... a gente tem que ficar ali falando que ele vai conseguir sim, que ele é muito inteligente, dar esse apoio e estímulo, quando ele faz a gente diz que tá lindo, valoriza cada etapa que ele faz, então esse afeto tem total potencialidade pro desenvolvimento das crianças nas propostas, ele é fundamental. (Professora Girassol, 22 de Novembro de 2024).*

Em suas respostas as três professoras destacam aspectos que remetem à relação, de reconhecer a criança como sujeito, da sua necessidade de segurança, da participação como resultado de ser confiante e da importância do vínculo afetivo como algo fundamental para o desenvolvimento desse protagonismo, dessa vontade, engajamento e prazer de realizar as propostas

De acordo com Guizzo, Balduzzi e Lazzari (2019, p. 280) “o encorajamento e o incentivo são fundamentais para que elas aprendam com as suas próprias experiências com ousadia e vivacidade.” Os autores destacam que, ao serem incentivadas, as crianças desenvolvem a capacidade de lidar com suas experiências, cultivando coragem e curiosidade. Nesse processo, o papel do adulto é escutar, incentivar, permitir o erro e ensinar com base nos aprendizados que surgem a partir dele. Dessa forma, podemos colocar que as professoras utilizam desses métodos e obtém os resultados esperados, que é a participação das crianças em sala.

O quarto aspecto, que aborda **a influência do acolhimento e valorização da autoestima da criança para o cotidiano educativo**, é sobre como uma criança com autoestima pode se tornar mais protagonista, como o afeto impacta e como é perceptível isso

no dia a dia. As professoras concordam que o afeto é fundamental para a autoestima da criança, pois, com ele, ela se sente mais segura e disposta a se expor, e elas sabem o papel que têm nisso.

*... o afeto, essa relação de confiança estabelecida dentro de sala, é fundamental para construção da autoestima da criança, então quando ela percebe que ela não vai ser julgada ou criticada pelas suas ações, por exemplo quando ela consegue dizer “eu não quero fazer porque eu não sou bom nisso” ela só vai conseguir expressar isso, se ela tem esse vínculo de confiança, e ele só foi criado através dessa relação afetiva do adulto com a criança, então tá tudo muito conectado. (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024).*

*... uma criança que tem o afeto, ela é uma criança mais segura, mais independente, que sabe expressar melhor seus sentimentos, mais carinhosa com o outro.” (Professora Girassol, 22 de Novembro de 2024).*

Também foi questionado na pergunta número 5 sobre os sinais que elas notam quando a criança sente esse afeto, quando ela demonstra um pouco dessa autoestima. Cada professora trouxe pontos diferentes, como vemos nas falas a seguir:

*Elas são mais espontâneas, quando a criança tem esse vínculo e ela confia, ela não tem receio, existe uma relação de respeito, de colaboração ... ela sorri mais na sala, ela fala mais na sala, ela é mais afetiva fisicamente, ela te toca mais, te procura mais. (Professora Rosa, 18 de Novembro de 2024.)*

*... elas apresentam sinais que indicam bem-estar emocional e social também, e esses sinais vão se refletindo positivamente, porque elas vão se sentindo seguras, respeitadas e apoiadas... respeito pelas outras crianças, a empatia, quando a criança se sente bem e fortalecida. (Professora Margarida, 19 de Novembro de 2024).*

*... quando elas chegam se sentindo bem e felizes, quando no final da aula elas não querem ir embora... (Professora Girassol, 22 de Novembro de 2024).*

As professoras demonstram preocupação com a autoestima das crianças, o que sugere uma condição para sua vontade de ir à escola, de engajamento e de participação em sala, seja nas propostas, nas rodas de conversa, em brincadeiras. Esse cuidado reforça a importância de criar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde as crianças se sintam seguras para expressar suas ideias, explorar suas habilidades e interagir de forma espontânea e confiante com os colegas e professores.

Quando se fala em autoestima, não se pode deixar de lado a construção da identidade e da personalidade da criança, pois esses aspectos estão interligados. Sendo assim, segundo a teoria de Henri Wallon, discutida por Galvão (2023) a criança desenvolve sua identidade e competências sociais através do meio e das relações afetivas que estabelece. Portanto, uma criança que cresce com essa influência positiva, esses atos de afeto que nitidamente geram

resultados favoráveis, como a vontade de ir para a escola, a empatia pelos colegas, a segurança de si, um em estar emocional, tende a desenvolver sua personalidade de maneira saudável e equilibrada.

No cotidiano educativo, isso está fortemente ligado ao protagonismo e a resolução das propostas também, de maneira que uma criança com autoestima, logo é uma criança segura de si, e uma criança segura de si tende a realizar as tarefas do dia a dia sozinha, com segurança e com vontade, visto que ela sabe também que se errar, ela tem pessoas na volta dela que retratam essa segurança. Segundo a perspectiva de Fortunati, discutida por Baggio (2023) a confiança, o tempo e a oportunidade são essenciais para tornar o protagonismo uma realidade dentro de sala. Portanto, tudo está interligado: o afeto, a escuta, o vínculo, a autoestima e o protagonismo.

Ao final da análise das respostas das professoras e, considerando o seu perfil (quadro 1), todas formadas em Pedagogia, sendo que uma delas tem mais de 3 anos de atuação na educação infantil, enquanto as outras duas estão entre 12 e 20 anos, sugere pensar que a experiência educativa é um fator que confere assertividade sobre a relação entre afeto e protagonismo infantil. Além disso, as professoras com mais tempo de experiência foram as que trouxeram referências mais alinhadas à área de educação infantil, com algumas dialogando diretamente com o referencial teórico desta pesquisa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender o papel do afeto nas práticas educativas para o desenvolvimento do protagonismo infantil a partir da perspectiva dos professores. Os objetivos específicos foram contemplados ao longo dos capítulos como resultado da investigação proposta para este trabalho.

O primeiro objetivo, que consistia em delinear teoricamente os conceitos de afeto e protagonismo no contexto da Educação Infantil, foi abordado no capítulo 2, com uma fundamentação teórica que foi sendo construída no processo de evidenciação do problema para além das premissas da pesquisadora, na busca do encontro com a temática. Já os demais objetivos, relacionados à análise da percepção das professoras e à identificação do papel do afeto nas práticas pedagógicas, foram desenvolvidos por meio das entrevistas realizadas e da análise dos dados obtidos.

Na investigação realizada por meio das entrevistas, observa-se que as professoras sujeitas da pesquisa priorizam práticas pedagógicas que têm o afeto como um elemento essencial para o desenvolvimento do protagonismo infantil. Essas práticas, baseadas em uma abordagem afetiva e sensível, incluem a escuta ativa, o olhar atento e as manifestações de carinho, que são fundamentais para criar um ambiente seguro e acolhedor. Além disso, essas professoras enfatizam a importância da liberdade de escolha e do respeito pelas opiniões e decisões das crianças, permitindo que elas se sintam ouvidas e valorizadas. Ao promover a autonomia das crianças no cotidiano educativo, essas ações contribuem diretamente para o fortalecimento de sua capacidade de protagonismo, estimulando sua participação ativa e sua confiança. Assim, fica claro que, para as educadoras entrevistadas, o afeto não é apenas uma ferramenta para o cuidado, mas uma prática pedagógica que promove o desenvolvimento e a autonomia das crianças, essenciais para sua formação como protagonistas de sua aprendizagem.

Um aspecto importante que foi abordado no perfil das professoras (*google forms*) sobre referências acerca do tema da pesquisa, na entrevista apareceu apenas na resposta da professora Rosa à pergunta 1, sobre o papel do afeto no desenvolvimento da criança, a professora enfatiza ser “*uma base muito forte de conexão e emoção, e quando estamos nesse processo, estamos falando do sistema mais primitivo que temos na neurociência e no cérebro humano, que é a base para consolidar as memórias*”. Tal resposta indica um conhecimento específico que essa professora demonstra dominar, sugerindo resultado de formação continuada, ou mais que isso, especialização entre outros. Por outro lado, nas respostas das demais professoras, não houve

menção a referencial teórico ou conceitos, sendo respostas baseadas principalmente em sua prática cotidiana.

Ao realizar essa pesquisa, entendo e reforço a importância de valorizar o afeto como um elemento transformador na relação entre adulto e criança, e no contexto educativo entre professor e criança, indo além de sua compreensão emocional e reconhecendo-o como uma prática pedagógica fundamental. Esse reconhecimento do afeto como fator essencial para o desenvolvimento do protagonismo infantil abre novas possibilidades para a construção de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, acolhedor e respeitoso.

Inicialmente, a ideia para esta pesquisa era um pouco mais elaborada e tinha a intenção de entrevistar crianças também, para ouvir diretamente delas como elas se sentem ao serem ouvidas e valorizadas. No entanto, por conta do tempo, decidi fazer a pesquisa de uma forma um pouco menos elaborada. Ainda assim, não descarto a possibilidade de continuar este projeto no futuro, pois acredito que a voz das crianças é fundamental para compreendermos melhor suas necessidades e perspectivas. Espero que esta pesquisa inicial possa servir como um ponto de partida para futuras investigações mais aprofundadas, em que a participação direta das crianças será essencial para enriquecer os resultados e proporcionar conhecimentos valiosos.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, S.; TAVARES, K. **A poética da infância: Conversas com quem educa as crianças**. 2. ed. Brasil: Passarinho, 2022.

BAGGIO, P. O protagonismo das crianças na abordagem educativa de San Miniato. In: **Abordagens participativas na educação infantil: saberes necessários para nos manter em voo**. 1. ed. São Paulo: Passarinho, 2023. p. 130–181.

FRIEDMANN, A. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2020.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIZZO, B. S.; BALDUZZI, L.; LAZZARI, A. Protagonismo infantil: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação da primeira infância em Bolonha. **Educar em Revista**, v. 35, n. 74, p. 271–289, abr. 2019.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201–209, 1 ago. 2006.

RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. v. 2. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 235–247.

SOUSA, L. A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: UMA ABORDAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, v. 3, n. 7, p. 77–93, 2018.



APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
COMISSÃO DE PESQUISA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
PARTICIPANTE**

**PESQUISA: O afeto como possibilidade para o desenvolvimento do protagonismo infantil**

**PESQUISADORA: Kamila Serafim Santos**

**NATUREZA DA PESQUISA:** Esta é uma pesquisa que tem como objetivo compreender o papel do afeto nas práticas educativas para o desenvolvimento do protagonismo infantil do ponto de vista dos professores.

**PARTICIPANTES DA PESQUISA:** Participarão desta pesquisa três professoras da rede particular de Porto Alegre.

**ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** Ao participar deste estudo você responderá a perguntas em uma entrevista pessoal. O tempo previsto será em torno de trinta minutos para a conversa. Você tem a liberdade de recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo pode entrar em contato com a Professora Daniele Marques Vieira.

**SOBRE A ENTREVISTA:** Serão realizadas perguntas com a finalidade de compreender e investigar o papel do afeto nas práticas educativas e sua relação com o desenvolvimento da criança e de seu protagonismo.

**SOBRE OS RECURSOS UTILIZADOS DURANTE A ENTREVISTA:** A fim de favorecer a escuta atenta sobre o conteúdo das respostas, a entrevista será gravada para depois ser degravada e o resultado desse processo devidamente compartilhado com as participantes da pesquisa para sua ciência e anuência acerca do conteúdo capturado.

**RISCOS E DESCONFORTO:** A participação nesta pesquisa não traz complicações

legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

**CONFIDENCIALIDADE:** Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado. Ficando a critério da(o) participante a forma de identificação - o próprio nome ou nome fictício.

**BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas.

**PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Aceito que seja utilizado meu próprio nome \_\_\_\_

Peço que seja utilizado nome fictício \_\_\_\_

---

Nome do participante

---

Assinatura do participante

---

Local e data

---

Pesquisadora

---

Coordenadora da Pesquisadora

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Prof(a) Daniele Marques Vieira do Departamento de Estudos Especializados Faculdade de Educação da UFRGS, contato: (51) 991379940.